

NOMADISMO E EDUCAÇÃO¹⁵

Dhemersson Warly Santos Costa¹⁶

Maria dos Remédios de Brito¹⁷

Resumo

O texto pretende ponderar uma digressão pela obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, deslocando alguns dos conceitos movimentados na obra para o campo educacional. O texto será mobilizado por uma escrita rizomática, tecida em pequenos blocos, verbetes, trajetos ou pegadas, uma experimentação, que não pressupõe um início, meio ou fim. Cada bloco é uma entrada, uma abertura, um rizoma, sem ponto de partida, as entradas são múltiplas, mas como todo rizoma, as linhas da escrita se encontram, ressoa conexões, barulhos. O convite é para experimentar os blocos de escrita rizomática, extraíndo deles o que há de mais potente para pensar a educação, para então voltar ao caminho, pois uma escrita rizomática está sempre em trânsito, movimento.

Palavras-chave: Educação. Nomadologia. Territorialização. Desterritorialização.

NOMADISM AND EDUCATION

Abstract

The text intends to consider a tour of the work *Mil Plateaus: capitalism and schizophrenia 2*, shifting some of the concepts moved in the work to the educational field. The text will be mobilized by a rhizomatic writing, woven into small blocks, entries, paths or footprints, an experimentation, which does not presuppose a beginning, middle or end. Each block is an entry, an opening, a rhizome, with no starting point, the entries are multiple, but like every rhizome, the lines of writing meet, resonates connections, noises. The invitation is to try out the rhizomatic writing blocks, extracting from them what is most potent to think about education, then getting back on track, for rhizomatic writing is always in transit, movement.

Key-words: Education. Nomadology. Territorialization. Desterritorialization.

¹⁵ O texto é resultado dos desdobramentos do projeto de pesquisa "*Filosofia da diferença e educação: conexões deleuzianas*", sob coordenação da professora Dra. Maria dos Remédios de Brito, Universidade Federal do Pará.

¹⁶ Universidade Federal do Pará. Graduado em Ciências Biológicas-UFPa. Atualmente mestrando em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica dhemerson-santos@hotmail.com.

¹⁷ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará; Pós Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade de Campinas-UNICAMP. Professora da Universidade Federal do Pará. Ligada aos Programas de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas PPGECM/UFPa e Artes/ICA, UFPa Email: mrdbrito@hotmail.com

Disparos...



Figura I: As linhas que atravessam a educação

Fonte: O autor, 2018

O texto pretende ponderar uma digressão pela obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2* (volume V da edição brasileira), em especial o ano 12.1227 - Tratado de nomadologia: a máquina de guerra, de autoria dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, deslocando alguns dos conceitos movimentados na obra para o campo educacional. Os autores em questão não produzem em seus escritos uma filosofia da educação, nem fazem incursões a uma Pedagogia. Todavia, os seus conceitos filosóficos apresentam toda uma potência capaz de movimentar a educação, produzindo abalos perceptíveis nos sistemas educacionais vigentes.

Parte-se do pressuposto de que a escola é um território fechado, com seus currículos universais, normas, leis e preceitos racionalizantes, opera segundo os interesses do Estado, uma verdadeira máquina de subjetivação. Nos últimos anos temos assistido a constantes ataques a educação, através de projetos de lei, como a Reforma do Ensino Médio, a Base Nacional Curricular Comum e a Escola sem Partido, que visam normatizar a educação em prol de uma educação universal e,

principalmente, neutra em relação às questões políticas que atravessam a sociedade. Assim, diversas temáticas como diversidade de gênero, sexualidades e religiões, para citar apenas essas três, estão sendo extirpada dos currículos oficiais. O cenário é desafiador, por isso entendemos que é preciso um trabalho ético e político de resistência do professor para criar pequenas fissuras para deixar vazar as singularidades, as intensidades, os afetos, os desejos. É nessa perspectiva que encontramos ressonâncias como o pensamento deleuziano, no sentido de pensar o professor como um nômade, que faz do movimento em sala de aula um ato de resistência, uma verdadeira máquina de guerra, para não se deixar fixar no confortável território estriado do Estado.

O texto será mobilizado por uma escrita rizomática, tecida em pequenos blocos, verbetes, trajetos ou pegadas, uma experimentação, que não pressupõe um início, meio ou fim. Não há um caminho correto, mas linhas de intensidade para fugir, desviar ou cortar o caminho. Cada bloco é uma entrada, uma abertura, um rizoma, sem ponto de partida, as entradas são múltiplas, mas como todo rizoma, as linhas da escrita se encontram, ressoa conexões, barulhos. O convite é para experimentar os blocos de escrita rizomática, extraindo deles o que há de mais potente para pensar a educação, para então voltar ao caminho, pois uma escrita rizomática está sempre em trânsito, movimento.

Escreva então para destruir o texto, mas alimente-se. Fartamente. Depois vomite. Pra mim, e isso pode ser muito pessoal, escrever é enfiar um dedo na garganta. Depois, claro, você peneira essa gosma, amolda-a, transforma. Pode sair até uma flor. Mas o momento decisivo é o dedo na garganta (ABREU, 1976, p. 123).¹⁸

I

Os verbos de um (professor) nômade

¹⁸ Trecho da Carta escrita por Caio Fernando Abreu para seu amigo José Marcio Penido, o “Zézim”, durante o processo de produção do livro *morangos morfados* no ano de 1976. No conteúdo da carta, Caio estimula seu amigo a escrever, relatando o seu processo de criação e a sua admiração por Clarice Lispector e Dalton Trevisan, fala sobre a entrega que a literatura exige e dos personagens que ganham força e se libertam do autor, decidindo eles mesmos o desenrolar da história.

Guerrear. Recusar. Atirar. Trair. Libertar. Desferir. Fugir. Burlar. Caminhar. Empunhar armas. Roubar. Rir. Eximir. Esconder-se. Fissurar. Gargalhar. Inventar. Incomodar. Ciciar. Desejar. Desviar. Ziguezaguear. Saltar. Deslizar. Tanger Embaralhar. Dispensar. Escapar. Dedilhar. Vibrar. Criar uma frota. Vampirizar. Abalar. Gaguejar. Escusar. Rabiscar. Resistir. Lutar. Tomar para si. Transferir. Balbuciar. Fabular.

II O (professor) nômade

Deleuze e Guattari buscam inspiração no modo de vida do nômade primitivo. Bandos, tribos e povos vindos do deserto. Sua vida é sempre *intermezzo*. Habitam o caminho. Legatários, não têm história, mas geografia. Inventam a máquina de guerra. O movimento é o princípio, mas não o define, caminham de um ponto a outro, sem deixar de ignorá-los, “ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 53) ocupando um espaço aberto, sem destinos. O movimento nômade é intensivo, velocidade. Ele cria para si outros modos de habitar o mundo, fabulando seu próprio território, vagando por trajetos indefinidos. Na Invenção uma vida, um caminho, uma dança, um modo de se conectar com o mundo, reside à potência para pensar um professor nômade, como aquele que reivindica para si um mundo. Reinventa uma escola, uma aula. O professor nômade não habita a escola, transita por ela, pois mesmo estando integrada a escola, não lhe pertence por natureza. O professor nômade afirmar as potências singulares que escapam dos sistemas de dominação escolar, fissuras, por elas vazam vibrações, desejos, sensações, artistagens, invenções.

III Desconhecido

O enfrentamento do professor nômade reside na potência de experimentar o desconhecido. Criar brechas, cavar uma toca, escavar trincheiras e, antes de tudo, ascender à diferença no pensamento, implodindo o território para territorializar e desterritorializar outros modos de vida, de escola, de educação... É com o desconhecido que o nômade inventa problemas para violentar o pensamento. O encontro fundamental é o disparador... A escola é, então, um signo...

IV O (professor) sedentário

Em oposição ao nômade, o sedentário. Habita a cidade. Coagula-se com ela. O movimento é extensivo. Pontos definidos. O deslocamento precede sempre um planejamento prévio. O percurso está sempre definido. Em frente, nesta direção, seguir sem desviar, são as palavras de ordem. O sedentário está subordinado ao percurso. Em seu habitat há sempre elementos funcionais em relação ao próprio trajeto (DELEUZE; GUATTARI, 2013). Se há professor nômade, de certo há também o professor sedentário de Estado. O seu caminho agora é delimitado por um currículo oficial, com seus conteúdos, habilidades e competências, carga horária, avaliação, métodos. O professor sedentário é imobilizado pelos elementos desse habitat. Há sempre uma força motriz estatal que o engendra em um trajeto linear. Os desejos, os encontros, os afetos, as intensidades, os devires certamente escapam dos currículos oficiais durante uma sala de aula, reclamam a afirmação das potências singulares da vida. O professor sedentário, todavia, não as reconhecer, pois elas não estão na ordem da linearidade de um caminho fixo, ao contrário, fulguram em um trajeto fluído, fluxos de intensidades que não interessam ao Estado. A educação, enquanto maquinaria do Estado, busca a universalização, distribuir sujeitos em séries na ordem da representação e da reconhecimento.

V Educação sedentária

A educação por todos os lados busca meios sedentários, que deixam o pensamento solidificar em armaduras duras, impedido as potências singulares de criar outros modos de aprender e de ensinar na escola.

VI

Recordações

Meu olhar estava fincado naquelas parafinas em chamas, decorando aquele monte de massa adocicada sobre a mesa. Não conseguia mais ouvir as palmas, a música, o canto que eclodia, não para mim. As luzes das chamas, sim, estas me seduziam. Lembro-me apenas da frase expurgada das cordas vocais ali presentes que diziam: “com quem será”. Certamente tal canto não me desligou do calor luminoso daquelas chamas. Teria eu a possibilidade de realizar ao menos um desejo (novamente) e ser correspondido? As chamas dançavam num sincronismo descontínuo, delirante, a magia negra que escapava me possuiu, seria esse o ritual do(s) desejo(s)? Seria agora a hora de gritar em silêncio o desejo dúbido do meu corpo? Gritei em silêncio, chorei sem lágrimas, tudo isso numa fenda temporal. A escuridão da magia negra me tragou mais um ano. As chamas apagaram-se, as lâmpadas estilhaçaram-(s/e), e outra vez, me ensurdeceram ao gritarem: Vicente... Vicente... Vicente... (SILVA; COSTA, 2017, p. 7).

VII

O trajeto

O trajeto do nômade não é linear, ele não se deixa estratificar em um território “o trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência e goza de uma autonomia bem como de uma direção própria” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 53). O nômade resiste, habita o meio, transita fora dos muros da cidade, de um ponto a outro, tornando o espaço um campo de intensidades, fluxos e matérias pré-formadas. O trajeto do professor nômade não é linear, o desejo é que o movimenta, arrasta-o pela vida, os encontros, os afetos e as intensidades são pontos traçados na areia. O professor nômade percorre um caminho fluído, deixando apenas rastro de pegadas fincadas na areia do deserto, traçados na intensidade dos instantes, dos segundos, efêmeras, até que a violência dos ventos as desfigure. O crucial para o

professor nômade não é o caminho percorrido, antes lhe importa a velocidade do movimento, o trânsito, o deslocamento da vida.

VIII

Liso e estriado

O nômade se distribui em um espaço liso, enquanto o sedentário está engendrado em espaço estriado. O espaço liso é ilimitado, construído pela variação contínua de vetores, não há horizonte, fundo ou ponto central. Ele é intensivo, informe isotópico, terra de fluxos, devires, encontros, afetos, desejos. O espaço estriado, por sua vez, é fechado, limitado pelo horizonte ao sistema métrico e dimensional, por ela passa a ordem, o dogmatismo, às leis, a representação, a castração, o eterno. O espaço estriado, por sua vez, é fechado, limitado pelo horizonte ao sistema métrico e dimensional. Extensivo por natureza, ele é mensurável e seus pontos de referencia são fixos, homogêneos, operado por meio da divisão do espaço abstrato. A escola é uma máquina de Estado, portanto, regida por um espaço estriado, limitado. Há sempre uma lei, uma regra, que subordina o ensino e a aprendizagem em um método universal. O espaço estriado da escola impede que as potências singulares saltem os muros curriculares, o movimento é limitado, há sempre uma barreira. A invenção, a criação e a fabulação não existem no território estriado, nele figura as prescrições, as identidades, dadas de antemão. Tais qualidades são resultantes da experiência do território, dos modos de habitá-lo e vive-lo, pois a questão que Deleuze e Guattari nos colocam não é mera oposição entre um e outro, ao contrário, estão misturados, coexistem em um mesmo movimento, um quer escapar o outro quer prender. O estriado pode ser alisado na medida em que o espaço liso pode ser estriado, um duplo contínuo em que até mesmo o deserto pode ser organizado. Porém, não podemos cair na armadilha de acreditar que “um” deixa de ser o que é para, então, torna-se o outro. Trata-se de um movimento de fagocitose, um ingerindo o outro, cooptando e sendo cooptado (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

XI

Alisar

O professor nômade distribui-se no espaço estriado da escola, transita por ela, sem, entretanto, territorializar-se. Liso e estriado é, antes de tudo, uma relação que o professor tem com a escola, assim, é possível estriar o espaço liso da escola, na mesma medida em que se pode alisar o espaço estriado. Eis o desafio de um professor nômade: distribuir-se no território, ocupá-lo, resistir ao estriamento sedentário do Estado, para então, alisá-lo (FOSTER, 2011). O professor nômade alisa o espaço estriado tornando-o aberto, intensivo, campo das singularidades e da diferença produzindo sempre a possibilidade do novo, construindo coletivamente, pois o que interessa é o povo que uma educação inventa.

X Versos

(...)
 Vou mostrando como sou
 E vou sendo como posso
 Jogando meu corpo no mundo
 Andando por todos os cantos
 E pela lei natural dos encontros
 Eu deixo e recebo um tanto
 E passo aos olhos nus
 Ou vestidos de lunetas
 Passado, presente
 Participo sendo o mistério do planeta
 (...)
 Novos baianos (1972)

XI Lutar

O professor nômade habita o território estriado, marcado pelo autoritarismo da escola, dos currículos oficiais, das leis estatais, da educação moderna, porém, em sua vida há sempre uma luta, uma batalha, um enfrentamento para alisar esse espaço,

tornando-o um campo de intensidades, devires, experimentação e transgressão do que está posto.

XII

O deserto

É no deserto que o nômade busca forças para escapar nos modelos populacionais de Estado. Território aberto, nele não existe horizonte fendendo céu e terra, os sistemas fixos de referência não ancoram lugar, ao contrário, são produzidas através de uma topologia dinâmica orquestrada pelo movimento dos ventos, das ondulações e da areia (DELEUZE; GUATTARI, 2013). O deserto emerge nessa obra em meio ao aspecto espacial geográfico da Máquina de Guerra. A vertente espacial nele imbricado possui uma clara relação com a teoria do espaço, articulada a partir da oposição entre liso e estriado. Nesta perspectiva o deserto é um espaço liso, ilimitado, construído pela variação contínua de vetores, não há horizonte, fundo ou ponto central. Ele é intensivo, informe isotópico distribuindo-se no território através de fluxos. “habitar o deserto, configurar-se em experimentação, velocidade e errância, evitando ao máximo os processos sedentários de estratificação” (HORN; OLEGARIO, 2013, p. 5), nele o professor nômade faz da escola um deserto, uma paisagem para fabulação de uma escola-outra, uma educação-outra, produzida a partir da potência dos encontros.

XIII

Fissurar

Fissurar as amarras que engendram a educação sedentária não é uma tarefa fácil, é preciso estar atento aos pequenos movimentos singulares que surgem durante uma aula, onde o singular escapa do universal. Quando o professor nômade consegue

capturar essas pequenas aberturas, a sala de aula, que antes era estriado, torna-se um espaço liso, um território da diferença, por onde desliza uma educação nômade.

XIV

Desterritorialização e Reterritorialização

Como é possível que os modelos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpetua ramificação, presos uns aos outros? A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque da vespa, mas a vespa se reterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea, mas ela reterritorializa a orquídea, transpondo o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 18).

O nômade é um desterritorializador por excelência. A desterritorialização é um movimento, abandono de território, ao passo que a reterritorialização é o movimento inverso de construção do território. Ambos figuram como processos, não estão separados. Com o professor nômade a desterritorialização está no liame com a escola, assim como para nômade primitivo a relação está na terra, é por isso que o professor nômade se reterritorializa na própria desterritorialização. O professor nômade desterritorializa um currículo oficial, uma língua hegemônica, ele subverte essa realidade, desintegra esse real. O professor nômade escapa do forçado em busca do novo, de linhas de fuga, novos agenciamentos. Na desterritorialização, o professor nômade traz ao território da escola grupos minoritários, materializando vozes distintas, abafadas, silenciadas. O individual torna-se necessário e indispensável, para então se reterritorializar novamente na própria desterritorialização. Se o professor nômade se reterritorializa no território é para extrair daquele território as experimentações do corpo, as cores, os sons, os devires, para então partir para outras experiências, outros espaços, outros mundos.

XV

Resistência

No duplo movimento de entrar e sair, de habitar o dentro e o fora, encontra-se a resistência do professor nômade as duras linhas sedentárias do aparelho de Estado, uma resistência fundada na criação de um modo de vida nômade, que não responde aos comandos do aparelho de Estado, suas leis, seus sistemas educacionais e seus códigos sociais disciplinares.

XVI

Máquina de guerra

O nômade é o inventor da Máquina de Guerra. A guerra aqui em nada tem haver com o poder belicoso do Estado, seus soldados uniformizados, suas armas ou os seus tanques, a máquina de guerra não tem necessariamente por objeto a guerra, pois a guerra surge como “objetivo segundo, suplementário ou sintético, no sentido em que está obrigada a destruir a forma-Estado e a forma-Cidade com as quais entra em choque” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 15), ela é outra coisa, “um fluxo de guerra absoluta que escoar de um pólo ofensivo a um pólo defensivo e não é marcado senão por quanta (forças materiais e psíquicas que são como que disponibilidades nominais da guerra)” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 15). A guerra nômade não é contra pessoas, povos ou exércitos, mas para conjurar a formação de um aparelho de Estado, uma luta em meio ao deserto da vida para não se territorializar em um modo de vida sedentário. A resistência e a criação são forças motrizes de uma máquina de guerra nômade. A escola é engendrada em codificações, normas, condutas, leis... O professor nômade inventa suas próprias máquinas de guerra, resiste a todo esse sistema de massificação que busca o agrupamento e a ordem, inventando seus próprios modos de habitar a escola, criando seus próprios problemas, produzindo uma gagueira na língua oficial, afirmando as potências de ensinar e aprender. Criar uma educação pelas vias da singularidade que destoe do universal é um ato de resistência, uma máquina de guerra.

XVII

Um novo olhar

No movimento de criação de um “novo olhar” nômade reside toda a potência para pensar uma educação nômade, um professor nômade, um currículo nômade, medida em que o duplo movimento de territorialização e desterritorialização, ativa a criação de linhas de fugas que escavam trincheiras em um território estriado deixando vaziar outros modos de ensinar e aprender na escola.

XVIII

Declaro grito de guerra a...

A máquina de guerra compõe o elemento (des) arranjador de uma educação nômade, uma verdadeira máquina de guerra escolar que explode em linhas de fuga por todos os lados, declarando guerra aos sexos, aos desejos, as sexualidades, as identidades, ao sedentário, ao Estado, aos métodos, as formas, as significações, as estruturas, ao corpo, ao currículo oficial, a organicidade, a ordem, ao rosto, aos universais, as leis, a castração, a família, ao território, as palavras, as generalizações, as ciências, a representação, a vida...

XIX

Desarranjar

A máquina de guerra do professor nômade opera desarranjando as formas de organização e as relações socialmente construídas na escola, produzindo possíveis abalos no método, na forma, na estrutura e no pensamento. O professor Nômade inventa a máquina de guerra para criar saídas, movimento, linhas de fuga, multiplicando e proliferando vidas no deserto da escola e afirmando as potências da

vida, pois nas palavras de Deleuze e Guattari (2013, p. 109) “um movimento artístico, científico, ‘ideológico’, pode ser uma máquina de guerra potencial, precisamente na medida em que traça um plano de consistência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento”.

XX

M(i)/(a)cropolítica

A educação sedentária é produzida na macropolítica, é como uma máquina de subjetivação, que produz indivíduos em série, das instituições, dos parâmetros, das diretrizes, produzida por aqueles que estão a serviço do poder, e pressupõe que o ensino corresponda a uma aprendizagem. A educação nômade é um ato de revolta, de resistência contra as políticas impostas. É produzida nas micropolíticas, na sala de aula, na “toca do rato”, no “buraco do cão”. É um ato de singularização coletiva (GALLO, 2003).

XXI

Ciência Nômade

A máquina de guerra nômade tem uma ciência menor em oposição à ciência sedentária ou régia do Estado (RAMOS; BRITO, 2018). A ciência nômade opera por meio de um “modelo hidráulico”, nele o que interessa é os fluxos, os devires, a heterogeneidade, opondo-se ao “modelo sólido” do aparelho de Estado, uma vez que este se preocupa em construir o idêntico, o eterno, o estável (DELEUZE; GUATTARI, 2013). Para além do modelo sólido do Aparelho de Estado, uma educação nômade não tem compromisso com a representação, à unidade ou o homogêneo, ao contrário, ela ascende sempre a uma ciência nômade, hidráulica, por onde escorrem os fluxos, as cores, os sons, os devires, os desejos... sempre em favor de uma heterogeneidade, uma multiplicidade que potencializa a vida. Mais do que indicar um caminho, uma verdade, uma resposta, o esforço do professor nômade é inventar problemas, movimentar o pensamento.

XXII

Deslizamento

O movimento tracejado pelo nômade configura o aspecto espacial geográfico. Na escola a sempre um modo de existência voltada para o sedentarismo e a estratificação no território, como consequência da oferta de recursos. O professor sedentário possui uma relação de propósito com o território, ao passo que na vida nômade, ao contrário, esses recursos só existem para serem abandonados e estão ligados ao trajeto que mobiliza a vida do professor nômade. Os caminhos percorridos entre ambos, *sedentários x nômade*, possuem funções completamente distintas, enquanto no sedentarismo o trajeto consiste em distribuir os homens num *espaço fechado*, regulado e atribuído, o nômade distribui os homens (ou animais) num *espaço aberto*, indefinido e não comunicante, uma distribuição sem fronteiras. Enquanto o espaço do sedentário é estriado, o nômade desliza por um espaço liso, sem traços, sem muros ou fronteiras. Um professor nômade conduz sua por deslocamentos, o movimento é sempre iminente, sem necessariamente está ligado à locomoção material do corpo, embora também o faça como forma de buscar outras experimentações na escola, mas o movimento do professor nômade pressupõe velocidade.

XXIII

Convite

7. Não argumente. Minta. 4. Não disserte. Desconcerte. 3. Não demonstre. Desmonte. 2. Repita. 2. Não falei? 1. Não termine pelo fim. 300. Nem comece pelo começo. 35. Troque o fim pelo começo. 53. E vice-versa. 3. Aproveite e troque tudo. 12. Esqueça os rodapés. Tente os rodopios. 136. Livre-se das referências. Perca-se. 90. Não cite. Vampirize. 28. Não ornamente. Desmanche. 39. Não embeleze. Suje. 89. Não decore. Borre. 55. Não limpe. Manche. 145. Não floreie. Desflore. 18. Não regule. Fabule. 48. Se perguntarem pelo método, responda: todo. 59. Se perguntarem pelo objetivo, diga: tivo. 111. Se perguntarem pela teoria, ria. 201. Se perguntarem pela norma, informe: não vi. 44. Se perguntarem pela coerência, gagueje. 8. Se

perguntarem pelo problema, abra: não tenho. 99. Se perguntarem quem disse, rebata: disseram. 250. Se pedirem para esclarecer, obscureça. 10. Não discorra. Distorça. 66. Não discurse. Desconverse. 200. Nem ordem, nem inversão. Diversão. 22. Não explique. Complique. 9. Não empilhe. Cave. 69. Não empaste. Raspe. 33. Não enfileire. Descarrilhe. 88. Não siga o caminho. Saia do trilho. 301. Não focalize. Disperse. 15. Não organize. Embaralhe. 78. Não dê forma. Deforme. 35. Não funda. Confunda. 101. Não centralize. Distribua. 102. Pra quê régua? Enfie os dedos. 38. Pra quê compasso? Meta os pés. (TADEU, 2007, p. 309-310).

Enfrentamento...

Uma educação nômade inventa, cria, resiste. A potência do nomadismo não está em empunhar armas, declarar guerras aos exércitos do Estado, ao contrário, é toda uma potência do exercício de liberdade, de experimentação, de fazer com que o pensamento alce vôos inventivos. Arrastar imprecisões, cores, imagens, sons, vibrações. Fazer do caminho a morada. Um professor nômade inventa para si suas próprias armas de guerra. A resistência e a criação são suas forças motrizes, elas destituem as verdades, conduz a educação para outro plano, quem sabe o deserto. O que interessa, antes de tudo, é a velocidade do movimento. Eis o caloroso convite deleuze-guattariano: MOVIMENTE-SE! Sem caminhos, sem trajetos, sem pontos fixos, apenas deslize pelo espaço aberto. Um desafio doloroso, desconfortável, digressão. Uma paisagem aberta para a criação, e não nos enganemos, não pressupõe uma receita pronta, uma estrutura ou uma forma. MOVIMENTE-SE, na escola, na rua, no deserto, nos currículos oficiais, na vida. Este também é o nosso desafio: MOVIMENTE-SE. Sem conclusões intencionais, hierarquizações, ou modelos, o nosso convite é para experimentar um modo de vida nômade em nossas salas de aulas, sem, entretanto, retornar as semióticas dos primitivos, e sim criar nossos próprios problemas, nossas máquinas de guerra, nossos modos de existência nômade, tendo como princípio a criação, a velocidade do movimento e a resistência.

Referências

ABREU, C. F. **Morangos mofados**. Nova Fronteira, 1976.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Editora 34, 2013.

FORSTER, G. Desterritorialização do "eu" em contos de Caio Fernando Abreu. **Revista de letras**, v. 2, n. 1, p. 23-36, 2011.

GALLO, S. **Deleuze e a Educação**. Autêntica, 2003.

HORN, C.; OLEGÁRIO, F. NOMADISMO E SUBVERSÕES EM EDUCAÇÃO. **Sofia**, v. 6, n. 3, p. 30-46, 2013.

RAMOS, M. N. C; BRITO, M. R. AS LINHAS QUE TECEM O APRENDER EO ENSINAR EM CIÊNCIAS. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências** (Belo Horizonte), v. 1, n. 1, p. 26-40, 2018.

SILVA, Carlos Augusto; COSTA, Dhemersson Warly Santos. Construção de novos olhares a partir do cinema: encenando novas educações, sexualidades e des-gêneros. **Diversidade e Educação**, v. 5, n. 1, p. 42-50, 2017.

TADEU, T. Políptico. **Educação em revista**, n. 45, p. 309-322, 2007.

Referência musical

Novos Baianos. Acabou chorare. Som Livre, 1972, **LP**.

Data de envio : 23 de abril de 2018

Data de aceite : 30 de junho de 2018